

## O EMPREGO SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVO DA UNIDADE LINGUÍSTICA JÁ EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS ESCRITOS

Kátia Maria Capucci FABRI

Faculdades Associadas de Uberaba-FAZU  
Universidade de Uberaba-UNIUBE  
[kátia@fazu.br](mailto:kátia@fazu.br)

**Resumo:** Este estudo pretende fazer uma investigação do uso semântico-argumentativo da unidade linguística já, como conector argumentativo em diferentes tipos de textos escritos da Língua Portuguesa. Além disso, ele se propõe a cotejar o emprego dessa unidade linguística como advérbio de tempo e como conector de contrajunção. Esta pesquisa terá um olhar diferente daquele preconizado pelas gramáticas tradicionais em relação à descrição do já, visto que nelas esse item é apresentado somente como advérbio de tempo. Assim, para esta verificação, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, analisando o item já como conector argumentativo, retirado de um *corpus* formado de 10 textos escritos, do *Jornal Folha de São Paulo, on-line*, dos anos de 2009, 2010 e 2011. A análise teve como base teórica os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Ducrot (1989). Também foi abordado o estudo sobre tipologia textual Travaglia (2007), que propõe quatro tipos diferentes de textos: dissertativo, narrativo, descritivo e injuntivo. Após a análise feita, pôde-se concluir que o locutor, ao elaborar o enunciado, principalmente, em textos dissertativos, tem usado o já como conector argumentativo, especificamente, como contrajunção, com um emprego semelhante ao do *mas*.

**Palavras-chave:** argumentação; conector de contrajunção; tipo de texto.

### 1. Introdução

Pretende-se fazer, neste estudo, uma investigação a respeito do uso textual-discursivo do item linguístico<sup>1</sup> já, observando quais são os valores e condições de uso desse item, em funções não adverbiais, como conector argumentativo, em diferentes tipos de textos, na modalidade escrita da língua. Pretende-se, ainda, descrever as orientações semântico-argumentativas estabelecidas pelo emprego do conector em estudo e verificar se há preferência no emprego desse item, em algum tipo de texto escrito (descrição, dissertação, injunção, narração) e caso haja preferência por determinado tipo de texto, buscar justificativa para ela.

Como perguntas de pesquisa, apontamos as seguintes: quais as funções e condições de uso do já, em diferentes tipos de textos escritos? Esse item tem emprego mais expressivo em um tipo de texto? Caso tenha, o que justifica essa preferência? Quais as possíveis orientações semântico-argumentativas estabelecidas pelo emprego do conector em estudo?

Para atingir os objetivos e responder as perguntas de pesquisa, desenvolvemos uma investigação de natureza qualitativa no nível descritivo-analítico, que procura

---

<sup>1</sup> A palavra item pode ser usada equivalendo a elemento da língua, unidade linguística e marca linguística.

estabelecer as regularidades observadas e, a partir delas, apresentar as análises do funcionamento textual-discursivo do item já.

O *corpus* da pesquisa foi composto de 10 textos escritos retirados do Jornal *online* Folha de São Paulo. A opção pela Folha de São Paulo ocorreu por ser esse um jornal de grande veiculação no país, com uso da língua culta.

A seguir apresentamos os construtos teóricos, a partir da Semântica Argumentativa e da Linguística Textual, que embasaram esta pesquisa

## 2. Considerações teóricas

Segundo Benveniste (1995, p. 286), o homem se constitui como sujeito na linguagem e pela linguagem. Cada locutor apropria-se da língua e designa-se como eu, instaurando a subjetividade da linguagem. A possibilidade dessa subjetividade ocorre por causa das formas linguísticas apropriadas à sua expressão. A partir desse pensamento, desenvolveu-se no interior da Semântica Linguística uma tendência visando à introdução, no campo de estudo da Linguística, de fenômenos ligados à enunciação<sup>2</sup>.

Diante disso, Guimarães (1995, p. 49) diz que na linha da Semântica da Enunciação, há a Semântica Argumentativa, que tem filiação direta com os estudos de Benveniste. Nessa semântica, a argumentação recebe um tratamento linguístico, uma vez que ela é vista como uma relação de sentidos da linguagem, que orienta para uma determinada conclusão, em uma enunciação particular. Outro ponto da Semântica Argumentativa é que a argumentatividade faz pensar a textualidade como um conjunto de características que faz com que um texto não seja apenas um sequência de frases.

Koch e Travaglia (1996, p. 43-44) afirmam que a Semântica Argumentativa mostra que a interação pela linguagem é dotada de intencionalidade, e que a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos em um texto. Dentre os recursos da língua selecionados, há os conectores, que em nossa pesquisa focou, especificamente, o item linguístico já.

Nessa perspectiva, os conectores são definidos como os elementos da gramática de uma língua que têm como uma de suas funções importantes indicar a força da argumentação dos enunciados, a direção, o sentido para que apontam. São, portanto, responsáveis pela orientação argumentativa do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões. (KOCH, 1992a, p. 84-89). Essa é a definição de conector, assumida nesta pesquisa. Ainda ressaltamos que compreendemos o conector argumentativo de contrajunção como aquele que tem função semelhante ao mas como conjunção, que instaura adversidade entre duas sequências.

Ainda nos estudos acerca da análise linguística da argumentação, destaca-se Ducrot. Sapata (2005, p. 18) diz que Ducrot postula que o ato linguístico fundamental é o ato de argumentar, o de orientar outrem, por meio de marcas lexicais, a determinada conclusão. “O locutor para Ducrot não tem realidade psicológica, mas puramente semântica, realidade determinada pelo sentido do enunciado, portanto linguisticamente constituída. Compreender a enunciação é apreender as marcas deixadas na língua” (SAPATA, 2005, p. 18).

Ducrot (1989, p. 16-17) se contrapõe a uma concepção tradicional, que diz que a língua, como um conjunto de frases semanticamente descrito, não desempenha na argumentação um papel essencial. Ao se opor a essa concepção, ele exemplifica com

---

<sup>2</sup> Para Guimarães (1987, p. 12), a enunciação é um evento histórico do aparecimento do enunciado.

duplas de frases, afirmando que mesmo em situação semelhante no discurso, essas duplas não autorizam uma única argumentação, como em:

- a. Pedro trabalha pouco. (P).
- b. Pedro trabalha um pouco.(P').

Mesmo que *a* e *b* tenham conteúdo factual parecido, a escolha entre elas corresponde a intenções argumentativas diferentes.

A hipótese central do autor é a de que determinadas frases possuem uma força argumentativa, contida nela própria. É a proposição da argumentação na língua.

A partir dessa visão, Ducrot (1989, p. 18-19) define certos morfemas da língua como operadores argumentativos, se três condições são preenchidas:

- 1) Pode-se construir a partir de P uma frase P' pela introdução de x em P. O que descrevo, "P' = P + x". Mas deve-se entender que a introdução de x pode fazer-se não somente por adição, mas também por uma substituição acompanhada, eventualmente, de certas modificações sintáticas. Visto seu caráter impreciso, a formulação desta primeira condição corre o risco de parecer perigosamente permissiva. Mas não me parece grave na medida em que as condições de (2) e (3) não são satisfeitas, na verdade, senão no caso em que a introdução de x em P é relativamente simples.
- 2) Em uma situação de discurso determinada, um enunciado de P e um enunciado de P' têm valores argumentativos nitidamente diferentes: não se pode argumentar da mesma maneira a partir de um e a partir de outro.
- 3) Esta diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas, na situação de discurso considerada, pelos enunciados de P e de P' (DUCROT, 1989, p. 18-19).

Esse autor (1989, p. 18) explica que no exemplo (a), a palavra pouco é um operador argumentativo em relação ao exemplo (b). Essa afirmação é comprovada por meio de outras três: a) pode-se substituir um pouco, enunciado em P' por pouco, enunciado em P; b) não são as mesmas argumentações que tornam possíveis, numa situação dada, um enunciado de P e um de P' e c) a diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença informativa.

Portanto, se P e P' permitem conclusões diferentes, pode-se chamar pouco de operador discursivo.

Nos enunciados com pouco e um pouco, mobilizam-se também crenças diferentes. A situação do discurso que está em jogo não é exterior ao enunciado e ao discurso. "Trata-se de uma situação que o enunciado e o discurso argumentativo constroem por si mesmos. Ela, a situação, lhes é, por conseguinte, interna e faz parte de seu sentido". (DUCROT, 1989, p. 22).

Ao apresentar essa teoria, Ducrot afirma que há um problema geral ligado às possibilidades de argumentação. Essa argumentação não pode "depender somente dos enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também dos princípios dos quais se serve para colocá-los em relação". (DUCROT, 1989, p. 21).

Ducrot (1989, p. 22) diz ainda:

Se continuamos definindo a argumentatividade como o conjunto das conclusões possíveis, não se tem mais uma única solução: alargar o

conceito de “situação de discurso” de modo a incluir nela os princípios da argumentatividade utilizados. Pode-se dizer, então, concluindo de A (Pedro trabalhou um pouco) e de A’ (Pedro trabalhou pouco) o fracasso de Pedro, colocamo-nos em situações de discursos diferentes: uma comportaria, como pano de fundo ideológico, a crença de que o trabalho leva ao êxito, a outra, a crença de que ele leva ao fracasso. (DUCROT, 1989, p. 22).

Ilari e Geraldi (1995, p. 77-81) apresentam um estudo que corrobora a perspectiva de Ducrot, ao afirmarem que certas palavras da língua são consideradas pelas gramáticas tradicionais como palavras que apenas estabelecem ligações, como a preposição **até**. Entretanto, essa concepção das gramáticas tradicionais não se confirma, pois na frase: “**Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço”, não se pode atribuir ao **até** somente o papel de ligação. A explicação para isso pode ser: i) frases como essas são, normalmente, ditas dentro de um discurso em que o locutor tenta convencer seu interlocutor de uma tese qualquer como: “as autoridades prestigiam o heroísmo dos humildes”; ii) o uso do **até** nessa frase pode significar a presença de várias pessoas, no enterro: amigos, profissionais, vereadores, prefeito, etc.; iii) o argumento expresso pelo **até** dá à tese defendida pelo locutor um apoio mais forte. Há uma organização que segue uma hierarquia, ou seja, uma escala argumentativa, que pode ser assim demonstrada:

- I) O governador esteve presente ao enterro.
- II) O prefeito esteve presente ao enterro.
- III) Os vereadores estiveram presentes ao enterro.

O papel específico do até em “**Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço” é apontar que o resto da oração verbaliza um argumento que, numa hierarquia admitida pelo locutor e em relação à conclusão visada, tem posição elevada (ILARI; GERALDI, 1995, p. 180).

Koch (1992b, p. 29, 30) afirma que, ao interagir pela linguagem, o locutor se propõe a jogar com objetivos e fins a serem atingidos, ou seja, pretende atuar sobre o interlocutor de determinada forma e conseguir dele determinada reação. Por isso, diz a autora, usar a linguagem é essencialmente argumentar. Orientamos os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões e, conseqüentemente, excluimos outras. Os mecanismos que utilizamos para conseguir adesão são as marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação e, dentre essas marcas, há os operadores argumentativos.

Nessa relação entre marcas linguísticas e orientação argumentativa, há o interlocutor. Para tratar desse aspecto, buscamos em Parelman e Olbrechts-Tyteca (2005), as reflexões acerca da comunidade específica de um discurso.

Conforme esses autores (2005, p. 18), para que argumentação se estabeleça é essencial que haja uma comunidade e o apreço pela adesão a essa comunidade.

Não basta falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido, ser lido. Não é pouco ter a atenção de alguém, ter larga audiência, ser admitido a tomar a palavra em certas circunstâncias, em certas assembleias, em certos meios. Não esqueçamos que ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.18).

O desenvolvimento de uma argumentação necessita da atenção daqueles a quem ela se destina, caso contrário, ela não se efetiva.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7) dizem que os elementos fundamentais do processo argumentativo são: a) o orador<sup>3</sup>, que apresenta o discurso; b) o auditório, que é quem o orador quer persuadir e c) o discurso. O discurso argumentativo deve refletir o modo de pensar da comunidade da qual seu auditório faz parte, suas convicções, e, principalmente, a função social dos participantes da comunidade. Diante disso, é necessário que o locutor elabore o seu texto de acordo com a imagem que tem de seu auditório e, ao elaborar o texto, ele deve mobilizar elementos da língua que possam orientar a leitura desse interlocutor. Os autores dizem, ainda, que, independente do auditório, “o fundo e a forma de certos argumentos, apropriados a certas circunstâncias, podem parecer ridículos noutras” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 28).

O contato entre o produtor do texto e o auditório é condição fundamental para o desenvolvimento da argumentação. Dessa forma, o produtor, diante de seu objetivo maior, que é convencer, persuadir, deve se aproximar o máximo possível de seu auditório. Essa aproximação vai ocorrer pela linguagem, que possui recursos que serão escolhidos na elaboração do discurso. Essa escolha exige, portanto, do produtor do texto, o conhecimento daqueles que se pretende conquistar; sendo essa, condição prévia de qualquer argumentação.

Reforçando o objetivo da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 24) afirmam, também, que diante de um auditório heterogêneo deve-se utilizar argumentos múltiplos que o conquistem. O grande produtor de texto é caracterizado pela arte de levar em conta a heterogeneidade do auditório.

A argumentação eficaz é a que consegue conquistar ou aumentar a adesão do auditório. Este, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 33, 34) pode ser um auditório particular, formado no diálogo, unicamente pelo interlocutor ou um grupo a quem se dirige, ou um auditório universal, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais. Essa adesão pode desencadear uma ação (positiva ou a abstenção) ou criar uma vontade para agir.

Os autores citados asseveram que a argumentação é um exercício intelectual, vinculado a uma preocupação de ordem prática: “argumentação é a ação que tende a modificar um estado de coisas preexistente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 61).

Para eles a realidade de fatos de uma obra científica ou de um romance histórico não deve ser provada da mesma forma, ou seja, há objetivos e intenções diferentes, tanto de quem produz quanto de quem lê.

Outra teoria que ancora nossas análises é a Linguística Textual. Nela buscamos os conceitos de texto e discurso e de tipologia textual.

Fávero e Koch (1994, p. 25) estabelecem que há duas concepções importantes para a Linguística Textual: texto e discurso. Texto, em um sentido lato, “é toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (filme, poema, música, pintura) e no sentido estrito é qualquer passagem falada ou escrita, que forma um todo significativo.” (FÁVERO; KOCH, 1994, p. 25).

Já discurso é a atividade comunicativa de um falante, que engloba o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor em uma dada situação de comunicação.

---

<sup>3</sup> Compreendemos orador como o locutor, o falante, o autor ou produtor do texto e o auditório (o ouvinte, o leitor) como o(s) interlocutor(es).

Ainda para as definições de texto e discurso, apresentamos as de Koch e Travaglia (1989), que serão adotadas nesta tese, por apontarem para o uso da língua em uma situação de interação, que é regulada por uma exterioridade. Eles propõem que texto é a:

unidade linguística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua, geralmente a audição ou a visão) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8-9).

E discurso:

toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação comunicativa determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzido em tal situação - ou os seus e os de seu interlocutor, no caso de diálogo - como também o evento de sua enunciação. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 8).

Dentre as tarefas da Linguística Textual, encontra-se o estudo dos diferentes tipos de texto.

Travaglia (1991, p.39) considera a tipologia como a possibilidade de particularização, de singularização dos discursos e ao mesmo tempo de sistematização e análise. O tipo, nessa perspectiva é, então, uma atividade estruturada sendo as suas regularidades sedimentadas dentro dos tipos.

Para esse autor ([2003]/2007, p. 101), o tipo de texto é o primeiro tipelemento<sup>4</sup>, caracterizado por instaurar um modo de interação. Esse modo de interação é dado por uma perspectiva assumida pelo produtor do texto. Os tipos que nos interessam nesta pesquisa são aqueles definidos pela perspectiva do produtor em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou ao saber/conhecer e quanto à inserção ou não destes no tempo e/ou espaço e são: *descrição, dissertação, narração e injunção*.

Vejam os um pouco mais sobre esses tipos, conforme definidos e caracterizados por Travaglia. Na descrição, tem-se o enunciador que está na perspectiva do espaço em seu conhecer/saber, o que transforma o interlocutor em “voyeur” do espetáculo; na narração, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer, inserido no tempo, e a forma como se instaura o interlocutor é o de assistente; na dissertação, o enunciador está na perspectiva do conhecer/saber, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é posto como ser pensante, que raciocina; na injunção, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer posterior ao tempo da enunciação, interlocutor como aquele que realiza aquilo que se quer, ou se determina que seja feito. (Cf. Travaglia, 1991, p. 43, 44 e [2003]/2007, p. 102).

Quanto ao objetivo da enunciação, à atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer, Travaglia (1991, p.39-61e [2003]/2007, p. 102) diz que na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é; na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos; na dissertação, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar o conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações; na injunção, diz-se a ação requerida, desejada, o que e/ou como fazer,

<sup>4</sup> - Tipelemento tal como proposto por Travaglia ([2003]/2007).

incita-se à realização de uma situação. Portanto a descrição e a dissertação são discursos do saber/conhecer, enquanto a narração e a injunção são discursos do fazer/acontecer.

Finalizando as considerações teóricas, apresentamos como as gramáticas registram a unidade linguística já.

A gramática tradicional, ao caracterizar o advérbio, dentre uma das dez classes gramaticais, conceitua-o, em geral, compartilhando noções entre seus autores, como uma classe de palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, denotando circunstâncias de tempo, lugar, modo, intensidade, negação, afirmação, sendo que os advérbios que modificam adjetivos e os próprios advérbios são apenas os intensificadores (CUNHA; CINTRA, 1986, p. 529; BECHARA, 2000, p. 287; LIMA, 2000, p. 174). Cunha e Cintra (1986, p. 531) e Bechara (2000, p. 441) classificam o já como advérbio de tempo, como no exemplo em: “De longe, já se vinham as chamadas”. (BECHARA, 2010, p. 274)

Entretanto, Bechara (2000, p. 290) e Cunha e Cintra (1986, p. 529, 530) observam que, sob a denominação de advérbios, reúnem-se, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Diante disso, nota-se entre os linguistas uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio. Esse fato, também, justifica nosso estudo.

Apresentamos um levantamento de significado do item já a partir dos dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss (2009).

**já** [Do lat. *jam.*] **Adv.** **1.** Neste momento; agora: *Já chegam os convivas, já principia a festa*; “Anoiteceu. O passarinho já não canta.” (Carlos Lacerda, *A Casa do Meu Avô*, p. 13). **2.** Sem demora, sem sentença; agora mesmo; logo, imediatamente: “Aqui vos trago provisões: tomai-as, / As vossas forças restaurai perdidas, / E a caminho, e já!” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, p. 27.) **3.** Nesse tempo; então. **4.** Em algum ou qualquer tempo passado: “Já viste, minha Marília, / avezinhas que não façam / os seus ninhos no verão?” (Tomas Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*, p. 19.) **5.** Antecipadamente; de antemão: *Espero que, ao chegar, já me aches pronto.*

Para o **já**, Houaiss (2009) apresenta o seguinte:

**já** adv (sXIII) **1** de imediato, prontamente, incontinentemente [*saia já daqui*] **2** desde logo, então [*se chover, já ficam desculpados por não vir*] **3** neste instante, agora [*já consigo vê-la ao longe*] **4** logo, em pouco tempo, num instante [*saiu dizendo que voltava já*] **5** antes, anteriormente, antecipadamente [*uma cena já vista*] **6** no passado, outrora, noutros tempos [*São Paulo já foi uma cidade tranquila*] **7** indica um grau relativo; em todo caso; em parte; até [*se conseguirmos vencer alguns obstáculos, já estamos fazendo muito*] **8** a esta altura, neste momento [*já não se importava de ser demitido*] ETIM adv. Lat. *jam* “já, agora; imediatamente”.

Observamos que também os dicionários registram apenas item com função adverbial temporal.

Para alcançarmos nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, com um corpus de 10 textos, retirados da Folha de São Paulo *on-line*.

A seguir apresentamos a metodologia e o *corpus* desta investigação.

### 3. Metodologia e *corpus*

O objeto desta pesquisa é o estudo do uso semântico-argumentativo do item já em diferentes tipos de texto, de acordo com a tipologia proposta por Travaglia (1991, [2003] 2007), na modalidade escrita da Língua Portuguesa.

O *corpus* da pesquisa é composto por 10 textos, retirados do Jornal *on-line* Folha de São Paulo, nos anos de 2009, 2010 e 2011. Nesse corpus foram identificados

11 itens já, empregados como conectores argumentativos; emprego esse diferente do preconizado pelas gramáticas tradicionais e dicionários, que consideram o já apenas como advérbio de tempo.

Para a análise do funcionamento textual-discursivo do item já, foram levados em consideração os trechos, em que o item foi empregado, observando a relação dele com os enunciados que o precedem e o seguem.

O levantamento desse item ocorreu pela ferramenta “localizar” do navegador *Internet Explorer*. Após a sua localização, os textos foram copiados, colados e arquivados em pastas no programa *Microsoft Office Word*.

Na sequência foi feita a descrição analítica que contempla duas dimensões: a) semântico-argumentativa, observando os sentidos e as funções desempenhadas pelos itens, em estudo, na orientação argumentativa e b) sintática, especificando as particularidades do já, na estrutura do enunciado .

Nas análises, os excertos retirados dos textos serão identificados de acordo com a numeração a seguir. Após a citação do trecho em que aparece o item já, entre parênteses, estará a referência ao texto, por exemplo: (Texto 1).

Os textos usados para análise, com o item já, funcionando como conector argumentativo,

Texto 1:

EDITORIAIS: Incerteza Europeia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2010.

Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0802201001.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

Texto 2:

CUCOLO, Eduardo. Banco público vai puxar alta do crédito, diz BC. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2010. Mercado. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2502201004.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

Texto 3:

MAGENTA, Matheus; GUIBU, Fábio. Tradição x Inovação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2010. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0802201018.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2010.

Texto 4:

TAKAHASHI, Fábio. Entrevista, Aplicação do Enem “foi satisfatória”, afirma ministro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 dez. 2009. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0812200919.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2009.

Texto 5:

SCOLARI deve ser mantido, mas futebol sofrerá cortes de gastos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2909201005.htm>>. Acesso em: 29 set. 2010.

Texto 6:

REAL Madrid vence e lidera grupo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2909201021.htm>>. Acesso em: 29 set. 2010.

Texto 7:

APÓS abandonar os dois últimos GPs, Hamilton foca nas provas decisivas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2010. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2909201021.htm>>.



com.br/esporte/806789-apos-abandonar-os-dois-ultimos-gps-hamilton-foca-nas-provas-decisivas.shtml >. Acesso em: 29 set. 2010.

Texto 8:

SANT'ANNA, Emílio; MARCHIORI, Raphael. Nordeste "planejado" é mais barato do que praias de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 out. 2010. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3010201023.htm>>. Acesso em: 30 out. 2010.

Texto 9

CORREA, Vanessa. Expansão de shoppings se volta para os Jardins. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1023032-expansao-de-shoppings-se-volta-para-a-regiao-dos-jardins-em-sp.shtml>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

Texto10:

EDITORIAIS: o declínio da Aids. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2011. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/10541-o-declinio-da-aids.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

#### 4. Análise dos dados

As nossas análises acerca do funcionamento textual-discursivo do item já mobilizam os construtos teóricos da Semântica Argumentativa, visto que essa teoria, segundo Koch e Travaglia (1996, p. 43), considera que a linguagem é dotada de intencionalidade, e a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos de um texto bem como muitos elementos da sua constituição linguística. Dentre os recursos selecionados estão os operadores discursivos com função de conectores argumentativos, funcionando ora como conector de contrajunção ora como operador discursivo de mudança de tópico. Também nos embasamos nos construtos teóricos da Linguística Textual.

Essa unidade linguística já, considerada pelas gramáticas tradicionais e dicionários como palavra que indica circunstância temporal é apontada, em nossa pesquisa, como uma unidade cuja função se diferencia dos estudos tradicionais, ou seja, o já é empregado no *corpus* de nosso trabalho como um conector argumentativo, com funções de conector de contrajunção, semelhante à do mas adversativo ou como operador discursivo de mudança de tópico

A partir do exemplo a seguir, expomos nossas análises.

*Para o urbanista Renato Cymbalista, "se tem um lugar que pode receber shopping é a região da Paulista, bem servida de transporte público" (a).*

*Já Álvaro Puntoni, professor da FAU-USP e da Escola da Cidade, não faz concessões. "O shopping é anticidade. Ele sempre vai tirar as pessoas da rua. E isso é o pior de São Paulo: suas ruas mortas." (b) (Texto 9).*

Em (a), há a defesa da construção de um shopping na região da Avenida Paulista na cidade de São Paulo, em (b), a partir do já, contrapondo a essa posição, há a justificativa para a não construção de um shopping nesta região. Identificamos que o autor, ao escolher o já, com o sentido de contrajunção, quis imprimir um valor argumentativo de levar o leitor a se colocar entre duas possibilidades: de ter um shopping na Avenida Paulista ou não. Ao apresentar duas situações adversas, o autor fecha o enunciado com a ideia de Álvaro Puntoni, levando o leitor a crer que essa é a melhor proposta. Essa afirmação corrobora a de Ducrot (1981, p. 180-181) que “admite

que as relações intersubjetivas não se reduzem à comunicação, à troca de conhecimentos, mas introduz-se nelas relações inter-humanas para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional.” (DUCROT, 1981, p. 180,181).

Observamos, ainda, que nesse excerto há, além da contrajunção, a ideia de comparação entre as posições de um urbanista e de um professor da FAU. Existem então duas ideias diante de um único eixo: a construção de um shopping. Há um tópico maior, com um subtópico que traz um argumento introduzido pelo já no sentido de apontar para o leitor a melhor solução para a cidade de São Paulo.

Assim, a partir do dessa unidade linguística, o autor tenta convencer o leitor de que tirar as pessoas da rua é deixar esses espaços mortos e criar um simulacro, uma representação artificial de cidade, pois a interação com a diversidade, que existe na rua, deixaria de existir. Observamos que o já, como conector, contempla o valor de argumentação não somente como consequência de informações da frase, como afirma Ducrot (1981, p. 178-179), mas também o seu uso serve para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzindo o destinatário a uma determinada direção.

Além disso, o produtor do texto tem também a imagem de seu interlocutor, que é um leitor do jornal Folha de São Paulo, já que este texto escrito foi retirado desse jornal diário, que circula por todo país, tanto on-line quanto impresso. Esse fato coaduna com a afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 16) de que o discurso argumentativo deve refletir o modo de pensar da comunidade à qual o seu auditório pertence, e o contato entre o produtor do texto e o seu auditório é condição fundamental para o desenvolvimento da argumentação. Dessa forma, ao colocar a posição de Álvaro Puntoni, em (b), inclusive, identificando-o como professor da FAU/USP, dá a esse professor mais autoridade, e, conseqüentemente, ao seu argumento mais poder de convencimento, orientando a leitura do interlocutor.

Outra observação que podemos fazer é a de que o já, em (b) antecede a um sujeito sintático, Álvaro Puntoni, posição para que este item seja um conector argumentativo de contrajunção. Para que ele funcione semântico-argumentativamente como conector de contrajunção, é necessário que ele esteja acompanhado de um sujeito sintático explícito ou não.

No exemplo subsequente, com o já funcionando como conector de contrajunção, diz respeito ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e à posição do Ministro da Educação, Fernando Haddad, na época, em relação à aplicação do Exame. É de conhecimento geral que, em 2009, o exame foi cancelado por fraude. Somente depois de 50 dias foi aplicado, mas com problemas, pois o gabarito saiu errado. Vejamos um excerto do texto:

*“O exame avalia a qualidade de alunos e escolas no ensino médio e, a partir deste ano, serve como seleção de calouros para universidades federais.*

*“Refizemos todos os procedimentos em 50 dias. Às vezes as pessoas se esquecem da dimensão de uma prova para 2,6 milhões de alunos. Tudo funciona de forma satisfatória, com poucos incidentes”. Disse Haddad à Folha, lembrando o vazamento do exame há dois meses.*

*O gabarito errado entrou no site oficial do Enem na noite de domingo. Retirado, voltou ontem à tarde, corrigido. (a) **Já** a abstenção chegou quase a 40%, a maior nos 11 anos do exame” (b) (Texto 4).*

Nesse exemplo, em (a), apresenta-se a finalidade do exame, a sua importância e o funcionamento satisfatório de sua realização, mesmo com gabarito errado.

Observamos como todo o enunciado indica justificativas para melhorar a imagem do exame, principalmente, a partir da visão do então Ministro da Educação. Em (b), o enunciado que conclui o texto é iniciado pelo conector já, que lhe dá uma nova direção, contrariando o que foi dito em (a), ou seja, diante de fatos positivos apresentados pelo Ministro, há um fato que vem se contrapor ao que foi colocado. Esse fato é o alto índice de abstenção 40%, que mobiliza a ideia de oposição à sequência anterior. A partir do **já** temos uma orientação adversa, que pretende levar o leitor a questionar a credibilidade do exame e até a credibilidade da fala do Ministro. Parece-nos também que essa sequência (b) é mais forte, coincidindo com o que diz Ducrot (1981, p. 181), ou seja, que há uma relação de força entre um enunciado e outro, e essa relação instaura uma sequência mais forte, responsável pela orientação do discurso: o ENEM não está tão bem quanto o ministro quer fazer parecer, tanto que 40% dos candidatos não compareceu.

Ao fechar o texto com o já, no início da sequência (b), apontando para um problema, o autor quer orientar o leitor dando relevância ao seu argumento.

O produtor do texto, ao dizer que o Ministro considera a aplicação do ENEM como satisfatória, sabendo que o primeiro exame de 2009 não foi realizado, por graves problemas, levanta suspeita em relação ao otimismo dessa aplicação. Segundo Koch (1984, p. 104), as relações discursivas são subjetivas, pois dependem de suas condições de produção. Diante disso, salientamos que o autor subjetivamente pode encaminhar o seu discurso, concordando com o Ministro ou discordando dele. Nesse caso, o autor, ao empregar o já, conclui o seu texto, discordando de todas as colocações anteriores e tentando levar o seu leitor a fazer o mesmo, já que o número de 40% de abstenção é uma porcentagem importante no cômputo geral e pressupõe que não foi tranquila a realização do exame ou não haveria uma abstenção desse porte.

Esse é um mecanismo utilizado que pode fazer com que esse leitor levante dúvidas sobre a eficiência e seriedade do exame e a partir disso, inclusive, desencadear um boicote, com maior número de abstenções, para as outras aplicações. Há, então, uma crítica ao exame e, conseqüentemente, à capacidade do próprio Ministro.

Dessa forma, ao empregar o já como conector de contrajunção e não como advérbio de tempo, ele deixa de ser advérbio e passa a funcionar como conjunção adversativa, como conector de contrajunção, com função semelhante à do “mas”, migrando de uma função gramatical (advérbio) para outra ainda mais gramatical (conector).

Koch (1992b, p.29- 31) diz que ao interagirmos pela linguagem procuramos atuar sobre nosso interlocutor na espera de determinadas reações. Isso significa que nos enunciados está inscrita a força argumentativa, que pode ser mobilizada, dentre outros recursos, por elementos da língua, como os conectores. Vejamos um outro excerto retirado de um Texto 5:

*A principal meta do presidente Salvador Hugo Palaia para seus contados dias de governo é enxugar ao máximo os gastos do departamento de futebol do Palmeiras.*

*Mas só gastos operacionais, como as despesas do programa de sócio-torcedor, ações de marketing e assessoria de imprensa, por exemplo, devem sofrer cortes. As maiores despesas do futebol, no entanto, devem permanecer intactas. Kléber (R\$ 373 mil) e Valdivia (R\$ 299 mil) devem permanecer (a) **Já** o treinador Luiz Felipe Scolari (R\$ 700 mil mensais) e sua comissão técnica são considerados intocáveis no clube (b) (Texto 5).*

Observamos que na sequência (a), que antecede ao **já**, há uma informação de que o presidente do Palmeiras traçou como objetivo diminuir os gastos do clube (enxugar). Entretanto, o autor do texto dá início ao outro enunciado (b), usando o item **já** que, esvaziado da ideia de tempo, instaura um contra-argumento:

(a): diminuir gastos.

**já**

(b): manter gastos com o treinador e sua equipe.

Esse outro argumento significa que os cortes ocorrerão em alguns setores, como programa de sócio-treinador, marketing, imprensa, etc., menos com o treinador e sua equipe.

Esse fato pode desencadear os seguintes subentendidos: ou o Scolari e sua comissão técnica são excelentes profissionais, capazes de erguer o clube, pois entende-se que o clube está em dificuldades econômicas, ou há uma relação de amizade e interesses entre a direção e o técnico e seu grupo. Como afirma Guimarães (1981, p. 98), o elemento linguístico é estabelecido de tal forma que as sentenças são articuladas para tentar conduzir o leitor a uma determinada leitura, a um determinado sentido, possibilitando o levantamento de questionamentos e até de dúvidas comprometedoras: o que há por trás dessa atitude?

Reafirmamos que certos elementos da língua não podem ser tratados, como registra a gramática tradicional, apenas como elementos meramente relacionais, visto que eles são capazes de atuar sobre o leitor, desencadeando atitudes, como nesse caso, o levantamento de suspeitas e a possibilidade de um movimento organizado pelos torcedores contra o presidente do clube. Enfim, como diz Geraldi (1981, p. 65), a argumentatividade é um modo corrente de interação. Aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro com o objetivo de modificá-las ou aumentar a adesão para tais convicções.

Outra questão que podemos abordar a partir dos exemplos analisados diz respeito ao uso do conector e o tipo de texto. Observamos que os três excertos são dissertativos, portanto tem como objetivo desencadear a reflexão, a explicação, a avaliação, expondo ideias, tratando o interlocutor como ser que reflete acerca de um determinado aspecto (TRAVAGLIA, 2007). Para isso, o autor emprega um conector que estabelece não só a possibilidade de reflexão, sobre os assuntos abordados, como também a comparação entre as posições, como, por exemplo, do urbanista Renato Cymbalista e de Álvaro Puntoni, professor da FAU-USP e da Escola da Cidade as posições de e a partir daí a ampliação dos aspectos discutidos e as possíveis conclusões. Esse emprego coaduna com o estudo de Travaglia (2007, p. 67) sobre conectores e tipo de texto. O autor diz que para os textos dissertativos há o emprego de conectores diferentes inclusive o de contrajunção, como é o caso do **já** em nosso estudo. Das 11 ocorrências do **já** como conector de contrajunção, apenas uma aparece em um texto descritivo. Isso vem corroborar a relação entre um conector argumentativo que aponta para a adversidade de posições e seu efetivo emprego na língua escrita.

Ainda, dialogamos com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 28), quando esses autores assinalam que os elementos fundamentais do processo argumentativo são o orador, o auditório e o discurso. O texto produzido deve ser o reflexo da maneira de pensar da comunidade da qual o seu auditório faz parte. O locutor, diante disso, deve elaborá-lo de acordo com a imagem que ele tem desse auditório, mobilizando não só elementos da língua que possam orientar a leitura, mas também o tipo textual, que o envolva, assegurando o seu convencimento.

## 5. Considerações finais

Concluimos este estudo observando que o locutor, ao elaborar o seu enunciado, usa determinados elementos da língua, visando, como afirma Aquino (1997, p. 348), “arrastar o interlocutor à conclusão que ele tenciona”. No caso desta pesquisa, a marca usada é o já, tratado por nós como conector argumentativo, funcionando, especificamente, como conector de contrajunção, ou seja, elemento que instaura a adversidade.

Segundo Ducrot (1981, p. 178), os conectores não apenas introduzem a informação, mas está contida neles uma argumentação, que conduz o interlocutor em uma determinada direção. Essa afirmação de Ducrot coaduna com o que encontramos em nossa pesquisa sobre o já. Esse item, além de promover o avanço do discurso, também, pode alterar o ponto de vista do leitor, já que em determinadas sequências linguísticas, como (a) já (b), a sequência (b), iniciada pelo item, pode mobilizar uma força argumentativa capaz de assegurar que o interlocutor mude de opinião. Esse fato coaduna com o tipo de texto predominante no *corpus* deste trabalho, que é o texto dissertativo, cujo objetivo é fazer o leitor refletir, analisar, julgar, como afirma Travaglia (2007).

A argumentatividade, segundo Geraldi (1981, p. 65), é um modo corrente de interação, quem argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, e essa manobra pode ser feita pela língua. A escolha que o locutor faz ao construir o seu texto, isto é, escolher entre já e mas, pode depender da imagem que o locutor tem de seu interlocutor e de seus propósitos.

Para convencer o seu leitor/ouvinte, o emprego do já pode exigir do produtor do texto que ele conheça bem o seu público. Há diferenças entre elaborar textos com objetivos específicos que tratam, por exemplo, de um acidente, de uma opinião econômica, de uma paisagem paradisíaca, ou que tratam da discussão de dados de uma tese ou da base teórica de uma dissertação. Para cada assunto desses há um público particular diferente, que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 28) chamam de auditórios. Nesse aspecto, observamos novamente que o já, em textos escritos, concorda com a posição desses autores, em relação a auditórios, ou seja, o desenvolvimento de uma argumentação necessita da atenção daqueles a quem se destina, caso contrário, ela não se efetiva. Ao escolher bem os recursos da língua, o produtor do texto pode atingir seu objetivo maior que é convencer, persuadir o seu auditório.

Ficou constatado nesta pesquisa que o já pode ser empregado como conector de contrajunção, se na estrutura linguística esse item estiver ligado a um sujeito sintático diferente do sujeito da sequência anterior. Esse fato parece indicar uma especificidade do uso do já, principalmente, se for comparado com o emprego do mas e seus correlatos, que não necessariamente precisam dessa estrutura sintática.

Em nossa pesquisa teórica, não encontramos nas gramáticas tradicionais e nos dicionários pesquisados referências sobre o emprego do já como conector desencadeando a contrajunção. Esse fato, comprovado por nós, por meio do *corpus*, indica que o usuário da língua a modifica, empregando unidades linguísticas, ainda não registradas por gramáticas e dicionários, mas que por necessidade, criatividade ele, usuário, vai de forma dinâmica, alterando as funções e sentidos das palavras.

## 6. Referência Bibliográficas

- AQUINO, Zilda Gaspar de Oliveira. **Conversação e conflito**: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. 1997. 367 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.
- DUCROT, Oswald . **Provar e dizer**: leis lógicas e argumentativas. São Paulo: Global, 1981.
- \_\_\_\_\_. Argumentação e “Topoi” argumentativos. In: **História e sentido na linguagem**. Guimarães, Eduardo. (org). Campinas, pontes Editores, 1989, p. 13-38.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual**: Introdução. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. Tópico Comentário e Orientação Discursiva. In ORLANDI, E. P. O. (org.). **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: I E L/ Unicamp, 1981, p. 63-90.
- GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley (1995). **Semântica**. São Paulo: Ática. 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo, Contexto, 1992a
- \_\_\_\_\_. Dificuldades na Leitura/Produção de texto: os conectores interfrásticos. In CLEMENTE, Elvo; KIRST, Maria Helena Barão (Org.). **Linguística Aplicada ao ensino do Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992b, p. 83-98.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1996.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTEC, Lucie. **Tratado da argumentação a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- SAPATA, Andreza Carubelli. **O articulador discursivo então em suas várias funções no texto escrito do Brasil**. 2005. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual discursivo do verbo em português**. 1991. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. Típelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria de Oliveira Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (org). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC/FAPESP, [2003]/ 2007. v. 2. p. 97-117.

